

Processo de Tombamento nº 1.545-T-07

“COLEÇÃO GEYER, NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO, ESTADO DO RIO DE JANEIRO”.

Exma. Senhora Presidente do IPHAN.

Srs. Conselheiros.

Foi com satisfação que recebi da Senhora Presidente do IPHAN, Dra. Jurema de Sousa Machado, a incumbência de examinar e opinar sobre este processo que trata do pedido de tombamento da **“Coleção Geyer”**, doação de Paulo e Maria Cecília Geyer ao Museu Imperial efetivada em 08 de abril de 1999.

Esta se constitui na maior doação realizada no correr do século XX, ao patrimônio histórico e artístico nacional. Afinal, a coleção de livros de viagens, álbuns, pinturas, gravuras, litografias, desenhos, mapas e demais objetos de arte que totalizam 4.255 itens, foi reunida, ao longo de mais de quarenta anos, na residência do casal localizada no bairro do Cosme Velho justamente às margens do Rio Carioca, na cidade do Rio de Janeiro, localizada em um terreno de mais de dez mil metros quadrados aos pés do Corcovado.

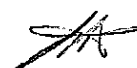
Adquirida no final da década de 1960 juntamente com a coleção de arte do também empresário Albert Lee, a casa passou a abrigar a Coleção Geyer a partir do início da década de 1970. Com rara disposição e bom gosto, Paulo Geyer e sua esposa assumiram lugar de destaque no colecionismo nacional, transformando a residência da família em um verdadeiro palácio das artes, com direito a inusitadas formas de exposição da pinacoteca, como o pitoresco recurso de instalar quadros no teto da construção anexa à edificação principal. Outro aspecto interessante é o fato de que os colecionadores conseguiram reunir imagens da casa que abriga a coleção, transformando a residência da família em objeto iconográfico.

Embora a doação incluía também a casa da família, é importante ressaltar que o presente processo é relacionado somente à Coleção, já que ainda não constam documentos suficientes nos autos para a análise do tombamento da referida residência.

Minha tarefa foi realizada através do procedimento de análise dos autos do processo, em que pude constatar a ótima qualidade do material técnico, do qual passo a me ocupar, com intuito de lhes oferecer uma síntese fiel das informações, que permita estabelecer um juízo sobre a proposta de tombamento, explicitando valores através dos quais se justifica a ação solicitada.

Vamos tratar agora dos documentos do processo **“Casa e Coleção Geyer”**: O processo possui cinco volumes, onde podem ser encontrados os seguintes itens técnicos exigidos:

Inicia-se com o documento formulado pela então Diretora do Museu Imperial, Sra. Maria de Lourdes Alencar Parreira Hortas, em que foi solicitado o tombamento da **“Casa e Coleção Geyer”** em 03/08/07 (Memorando 102/07). Como anexo, o inventário da Coleção Geyer (1999-2003), assinado pela Sra. Maria Inez Turazzi, historiadora, pesquisadora do Museu Imperial – IPHAN / MinC e coordenadora do Projeto de Inventário e Conservação da Casa Geyer. Contudo, a documentação encaminhada dizia respeito apenas à Coleção, não havendo maiores informações sobre a Casa.



O Chefe de Gabinete Substituto, Sr. Aristides Lima de Oliveira, encaminhou o processo para análise e manifestação do Diretor do DEPAM, Sr. Dalmo Vieira Filho (Memorando 422 CG, de 08/08/2007).

Na sequência, a Gerente de Proteção Sra. Jurema Kopke Eis Arnaut, solicitou a Coordenadora da CEPEDOC, Sra. Lia Motta, a abertura do processo de tombamento da Casa e Coleção Geyer (Memorando JKEA/Gprot/DEPAM, de 22/08/2007).

A Gerente Substituta de Documentação Arquivística e Bibliográfica – COPEDOC, Sra. Zulmira Canário Pope, informou então a abertura do presente processo de tombamento (Memorando 210/2007 GEDAB/COPEDOC, de 11/09/2007).

Quando da análise técnica do DEPAM/RJ (Memorando nº 008/2007 MTDR/GP/DEPAM/IPHAN), assinado pelo engenheiro e historiador da arte Marcus Tadeu Daniel Ribeiro, entende a solicitação como de “inequívoca legitimidade cultural, dada a importância da coleção, como também a dimensão pública da doação que o casal referido fez ao povo brasileiro, ao ceder à União um dos mais relevantes acervos de arte brasileira do século XIX coligido por particular”.

Entretanto, dada a ausência de documentação sobre a edificação, sugere seu envio à Superintendência do IPHAN no Rio de Janeiro para instrução técnica nos termos da Portaria IPHAN nº 11/86.


Pela Superintendência, a análise técnica realizada pela historiadora da arte Tamara Quirico, por meio do parecer nº 11/86 COTEC/RJ 79/2013 mais uma vez manifestava-se favoravelmente ao tombamento da Coleção, e aponta a necessidade de avaliação do imóvel por outro técnico, por não ser de sua competência.

O processo seguiu ao DEPAM sem a inclusão de qualquer documentação relacionada à edificação. Por esse motivo, quando o processo foi novamente analisado pela técnica em história da arte Juliana de Souza Silva, esta informou que, apesar de não finalizado (faltando a instrução técnica relacionada à casa), “defendemos o tombamento da Casa e Coleção Geyer em razão do excepcional valor artístico e histórico dos bens doados pelo casal e dos riscos à integridade a que estão submetidos esses bens”, referindo-se às dificuldades de acesso que o Museu vinha enfrentando desde 2007, após o falecimento do Sr. Paulo Geyer, e das denúncias de subtração de peças que fariam parte da coleção doada ao Museu (Memorando 380/2014 - DEPAM, de 24/02/2014).

Desta forma, sugeriu o tombamento emergencial como instrumento adequado para garantir a preservação da Coleção, mesmo antes da conclusão dos estudos técnicos relativos à casa, uma vez que o tombamento provisório daria ao IPHAN o respaldo legal para acessar a Coleção e verificar suas atuais condições de conservação, bem como de fazer a conferência das peças, juntamente com o Museu Imperial.

Por esse motivo, em 10 de julho de 2014, encaminhamos o processo à Procuradoria Federal junto ao IPHAN, solicitando análise com vistas à notificação e tombamento provisório em caráter emergencial, com base no artigo 7º da Portaria IPHAN nº 11/86.

Analisando o processo, entretanto, a Procuradoria entendeu não haver dados suficientes sobre a casa nem mesmo para que fosse elaborada a notificação de tombamento provisório, notadamente no que tange às poligonais de proteção, como informado em reunião realizada em 22 de outubro de 2014 no Gabinete da Presidência.



Durante esta mesma reunião, em contato telefônico com o diretor do Museu Imperial, a equipe foi informada que após o falecimento da Sra. Maria Cecília Geyer, cessadas as condições de usufruto dos bens constantes na doação realizada pelo casal, o Museu já estava de posse tanto da casa, quanto da coleção e já havia realizado a conferência das obras. Ou seja, que não havia mais dificuldade de acesso aos bens.

O parecer da arquiteta e coordenadora-geral do DEPAM Anna Eliza Finger apresentava a sugestão de desvincular o tombamento da casa deste processo, que teve a sua continuidade enfocando apenas a coleção, tendo em vista que a análise dos documentos que tratam do valor cultural da coleção são distintos de qualquer motivação que possa levar também ao tombamento da casa.

Assim, se fosse do entendimento de que a casa também seria detentora de relevante valor cultural que justifique seu tombamento pelo IPHAN, sugeriu-se a abertura de novo processo para tratar apenas deste bem (Memorando 1164/2014 - DEPAM, de 24/10/2014).

No processo consta o posicionamento favorável no competente parecer jurídico da Procuradoria Federal - Órgão Executor da Procuradoria Geral Federal no IPHAN, assinado pelo Procurador Federal Antonio Fernandes Alves Leal Neri (Parecer n° 394/2014-PF/IPHAN/SEDE) que também foi aprovado pelo Procurador-Chefe da PF Ronaldo Guimarães Gallo em 13 de novembro de 2014.

Foram igualmente anexados os avisos de notificação do tombamento da Coleção Geyer. Inclusindo-se o comunicado à 7ª Turma Especializada da Justiça Federal, tendo em vista a existência de um processo judicial que discute a propriedade de parte da Coleção Geyer, se a mesma pertence ao IBRAM ou aos herdeiros de Dona Maria Cecília Soares de Sampaio Geyer, em razão de seu óbito em junho deste ano.

Também já foram devidamente encaminhados e recebidos os ofícios dando ciência do processo em curso, ao Exmo. Senhor Governador do Rio de Janeiro, Sr. Luiz Fernando de Souza (Pezão), ao Exmo. Senhor Prefeito do município do Rio de Janeiro, Sr. Eduardo da Costa Paes, ao Ilmo. Senhor Presidente do IBRAM, Sr. Angelo Oswaldo de Araújo Santos, ao Ilmo. Senhor Diretor do Museu Imperial, Sr. Maurício Vicente Ferreira Júnior e ao Ilmo. Senhor Superintendente da Superintendência do IPHAN no Estado do Rio de Janeiro, Sr. Ivo Matos Barreto Júnior.

Em 12 de novembro de 2014 o processo foi encaminhado a este conselheiro para análise e parecer:

A princípio, considero importante citar que Paulo Fontainha Geyer nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 10 de agosto de 1921, e desenvolveu uma trajetória de sucesso como empresário, notadamente no setor petroquímico. Paulo Geyer, apaixonado pela arte, conseguiu reunir, ao final do século XIX, a maior coleção bibliográfica, iconográfica e científica até então reunida por um único proprietário no Brasil. A referida Coleção foi o resultado de um esforço do casal Geyer em identificar obras no Brasil e no exterior que tivessem ligadas ao nosso país, conforme Maria Inez Turazzi em seu artigo intitulado "A Coleção Geyer doada ao Museu Imperial":

Paulo Geyer seguiu comprando, no Brasil e no exterior, as obras que pudessem enriquecer a sua coleção, mesmo depois de doada ao Museu Imperial. Viajando, telefonando, folheando catálogos, ele procurou durante toda a sua vida, em países como Inglaterra, França,



Portugal, Argentina, Estados Unidos, África do Sul e Austrália, as obras de arte e os objetos decorativos levados por comerciantes, cientistas, diplomatas e viajantes em geral que estiveram por aqui em épocas mais remotas. Com olhar aguçado e atenção redobrada, descobriu raridades escondidas no fundo de antiquários, negociou preciosidades com herdeiros desinteressados, vasculhou catálogos, sebos e, nos últimos tempos, endereços eletrônicos. Como colecionador desprovido de preconceito, soube adquirir também, por quantia generosa, a pintura “naify” de um artista anônimo que, displicentemente, retratava o portão de sua bela residência. Este foi o último quadro adquirido pelo empresário.

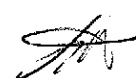
Felizmente, o casal possuía um extraordinário senso público e altruísmo, motivo pelo qual resolveu preservar a unidade da coleção que leva seu nome, doando ao Museu Imperial o expressivo conjunto e a casa que o abriga. A relação cordial com a Casa do Imperador D. Pedro II data de fins da década de 1970, quando o casal emprestou ao museu petropolitano um retrato da imperatriz D. Amélia para figurar na exposição temporária “Amor e Fidelidade”, comemorativa do casamento do imperador d. Pedro I com a filha do enteado de Napoleão Bonaparte, Eugênio de Beauharnais.

Já durante a década de 1990, o casal doou dois leques à instituição, antecipando o ato que seria coroado com a doação de toda a coleção poucos anos depois. Com o falecimento de Paulo Geyer, em 2004, e de Maria Cecília Geyer, em junho deste ano, cessou o instrumento do usufruto, com o Museu Imperial assumindo ambos: casa e coleção. Considero relevante citar o trecho em que Maria Inez Turazzi registra o acompanhamento de Paulo Geyer ao trabalho de transformação em patrimônio público de todo o seu acervo particular:

Falecido em data recente e altamente simbólica – 5 de novembro de 2004, dia da Cultura –, Paulo Geyer teve a satisfação pessoal de acompanhar de perto, desde o dia 8 de abril de 1999, o trabalho diário e sistemático de transformação de todo o acervo reunido ao seu redor, antes restrito ao conhecimento e à admiração de poucos, em patrimônio público destinado ao desfrute de toda a sociedade brasileira. Ao acolher essa doação, o Museu Imperial incorporou bem mais do que uma simples extensão, na cidade do Rio de Janeiro, de seu circuito museológico, já visitado anualmente por cerca de 300.000 crianças e adultos, brasileiros e estrangeiros. O gesto do casal Geyer, além de ampliar e diversificar consideravelmente o acervo da instituição, destacando-se neste aspecto as raridades de uma brasileira que remonta ao século XVI, incorporou também novos desafios ao funcionamento do museu e uma imensa responsabilidade no cumprimento de sua missão institucional.

O atual contexto é o da elaboração do projeto de ocupação definitiva da casa, com a abertura do espaço à visitação pública, em cumprimento aos termos da doação. Assim, visitantes brasileiros e estrangeiros terão acesso a um conjunto fabuloso onde se destacam, majestosamente, as imagens do Rio de Janeiro real e imperial, com sua gente, seus logradouros e sua natureza exuberante.

São 1.120 itens iconográficos produzidos por viajantes e cronistas de várias nacionalidades, como o príncipe Adalberto da Prússia, Edward Kretschmar, Johann Moritz Rugendas e Edward Hildebrandt, dos estados germânicos; os ingleses Richard Bate, Henry Chamberlain, Nicolas Pocock, Emeric Essex Vidal e William Gore Ouseley; o suíço Abraham Louis Buvelot; o austríaco Thomas Ender; o chinês Sunqua; o belga Benjamin Mary; e os franceses François Auguste Biard, Jacques-Etienne Victor Arago, Godefroy Engelmann, Eugène Cicéri e Dominique Serres; além de uma infinidade de artistas que escolheram permanecer no Brasil, como Pieter Godfred Bertichem, Emil Bauch, Nicola Antonio Facchinetti, Joaquim Cândido Guillobel, Friedrich Hagedorn, Félix Émile Taunay, Joseph Alfred Martinet, August Müller, Henry Nicolas Vinet, entre outros.



O conjunto registra, ainda, uma significativa presença, embora reduzida em número, de artistas nacionais, como Victor Meirelles de Lima, Augusto Rodrigues Duarte, Manuel de Araújo Porto Alegre, Renato de Lima e Antonio de Paula Freitas.

Assim, vemos que os temas dessa verdadeira Brasileira partem do particular, o Rio de Janeiro, para o geral, o Brasil. Primeiro, descortinando os aspectos naturais e antrópicos da capital do Brasil Reino e do Brasil Imperial, e por essa mesma razão, projetando uma imagética do país para o exterior uma vez que a iconografia dos viajantes, dos artistas cronistas e demais artífices da imagem que produziram registros visuais desse período no Rio de Janeiro fizeram-no em favor da comunicação do Brasil com o mundo. A difusão das imagens em tempo quase simultâneo à sua produção foi ampliada pela intensa atividade editorial ligada ao tema das viagens, conferindo a essa brasileira *status* de patrimônio documental do país.

O conjunto bibliográfico da Coleção Geyer é composto por 2.590 itens, com ênfase nos registros dos viajantes que aportaram em terras brasileiras notadamente durante o século XIX. Constitui uma biblioteca ímpar com inúmeras traduções das várias edições princeps, igualmente presentes no catálogo geral. O caráter de excepcionalidade reside tanto na abrangência do gênero literatura de viagem, com a ocorrência de praticamente todos os autores consagrados pela historiografia até mesmo autores anônimos e outros menos conhecidos dos especialistas, quanto na raridade representada por dezenas de títulos, como a edição de 1592 da obra *Americae Tertia pars Memorabile Provinciae Brasiliae*, de Hans Staden, ou a edição de 1594 da obra *Historia navigationis in Brasiliam quae et America...*, de Jean de Léry. Dignas de registro são também as edições de 1647 e 1660 da obra *Rerum per Octennium in Brasilia et Alibi Nuper Gestarum...*, de Gaspar Barlaeus, ricamente ilustradas com gravuras de Georg Markgraft e desenhos de Frans Post.

Igualmente merecedoras de nota são as dez edições relativas à René Duguay-Trouin, com óbvio destaque para obras que relatam a invasão do Rio de Janeiro, datadas de 1712 até 1922 (*A Relation of what passed during the expedition to Rio de Janeiro*. Hill: 1712; *Memoires de Monsieur Duguay-Trouin...*, Amsterdam: 1730; *Memoires de Monsieur Duguay-Trouin...*, 1740; *Idem*, 1740; *Ibidem*, Amsterdam: 1773; *Ibidem*, Rouen: 1779; *Ibidem*, Rouen: 1788; *Vie de Monsieur Du Guay-Trouin...*, Paris: 1884; *Idem*, Paris: 1922; *Recuil des Combats de Duguay-Trouin...*, Paris: s/d). Itens únicos estão presentes na Coleção Geyer, como o Log Book com desenhos e aquarelas do Rio de Janeiro, da Bahia, do Chile e do Golfo da Califórnia, do tenente William Smyth, *Sketches – Lieut. W. Smyth*, 1831-1834.

Já a categoria artes decorativas soma 466 itens. As alfaias, como identificadas no catálogo, revelam-se como objetos de gosto refinado reunidos com a mesma intensidade e paixão observadas na busca por itens de artes plásticas. O conjunto representado por quase duas centenas de *boules d'escalier*, ou pinhas de cristal e vidro, é único. A profusão de cores, estilos e formas fazem dessa seção da coleção uma referência para a categoria em nosso país. Maria Cecília Geyer orgulhava-se do “seu” conjunto de pinhas, que por ela foram, estrategicamente, distribuídas pelos salões da residência do Cosme Velho.

Os móveis em miniatura feitos de madeira com magníficas incrustações de marfim foram igualmente garimpados em leilões europeus e norte-americanos, reiterando o caráter cosmopolita da coleção em consonância com os cânones internacionais do colecionismo em termos de gosto e abrangência.

Entre os objetos de prata, uma peça merece especial atenção: uma das lanternas que adornavam a carruagem cerimonial do imperador d. Pedro II. A peça foi adquirida por

Paulo Geyer a D. Pedro Gastão de Orleans e Bragança, bisneto do imperador d. Pedro II, que já havia doado a carruagem ao Museu Imperial em 1948. Agora, o Museu Imperial poderá recompor o veículo cerimonial do segundo imperador brasileiro, restaurado, recentemente, por sua equipe técnica.

Os itens de cerâmica e porcelana complementam, de forma espetacular, o acervo do Museu Imperial, pois até então a instituição não possuía nenhum serviço de porcelana completo. Com a doação, passa a ter dois serviços da Companhia das Índias completos.

A importância da coleção tem sido reiterada desde a segunda metade do século XX por meio de numerosas publicações que utilizam itens da Coleção Geyer como objeto de estudo. Paulo Berger, pesquisador e assíduo colaborador de Paulo Geyer na atividade do colecionismo, organizou a obra *Bibliografia do Rio de Janeiro de viajantes e autores estrangeiros: 1531-1900* (Rio de Janeiro: Livraria São José, 1964), um verdadeiro guia dos viajantes; e publicou a pesquisa *Usos e costumes do Rio de Janeiro nas figurinhas de Ghillobel* (Rio de Janeiro: RioArte, 1983), um saboroso estudo de história cultural.

Já a Biblioteca Nacional organizou e publicou *Lembranças do Brasil: Ludwig and Briggs* (Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970), um esforço de sistematização da obra deste importante litógrafo-editor. A pesquisadora Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha fez a curadoria e a organização do catálogo *Rio de Janeiro – Visões do passado – Coleção Paulo Geyer* (Exposição homônima, Rio de Janeiro: Galeria IBEU, 1972). O próprio Paulo Geyer coordenou e editou importantes publicações: *O barão Von Löwenstern no Brasil: 1827-1829* (Rio de Janeiro, 1972); *Os diários do almirante Graham Eden Hamond: 1825-1838* (com tradução de Paulo Geyer, Rio de Janeiro: JB, 1984); *Aquarelas de William Smyth: 1832-1834* (Rio de Janeiro, 1987) e *Pinturas e pintores do Rio Antigo* (Rio de Janeiro, 1990). Para divulgar o ato da doação da Coleção Geyer ao Museu Imperial e apresentar parte do conjunto ao público, o museu petropolitano organizou e publicou *Visões do Rio na Coleção Geyer* (Catálogo da exposição homônima realizada no Centro Cultural Banco do Brasil. Rio de Janeiro: Museu Imperial, 2000). E mesmo no período posterior à doação, o colecionador-doador fez questão de atuar como um verdadeiro mecenas ao patrocinar a publicação da obra *Tipos e cenas no Brasil Imperial: a Litografia Briggs na Coleção Geyer* (Petrópolis: Museu Imperial, 2002).

Ao nos aproximarmos das comemorações do aniversário de 450 anos da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, parece-nos muito oportuno celebrar os quase dezesseis anos do generoso gesto do casal Maria Cecília e Paulo Fontainha Geyer em doar a incomparável coleção conhecida pelo singelo e, ao mesmo tempo, expressivo nome Geyer à sociedade brasileira.

Desta maneira, com base nos argumentos acima expostos e corroborando as recomendações e os pareceres do Departamento de Patrimônio Material e da Procuradoria Federal que integram os autos deste processo, em reconhecimento da importância e do caráter exemplar, como conjunto histórico e artístico singular em nosso país, declaro-me favorável ao tombamento do acervo denominado “**Coleção Geyer**” e à consequente inscrição no livro de tomo Histórico e no livro de tomo das Belas Artes. Este é o parecer que submeto ao Pleno deste Egrégio Conselho.

Brasília, em 04 de Dezembro de 2014.
Luiz Phelipe de Carvalho Castro Andrés
Conselheiro do Conselho Consultivo do IPHAN.

